Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Curso de Graduação em Letras

ISAAC JADER RODRIGUES

O TRABALHO E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER: um contraponto entre as personagens femininas de *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis, e *A estrela sobe*, de Marques Rebelo

Brasília – DF
2015

ISAAC JADER RODRIGUES

O TRABALHO E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER: um contraponto entre as personagens femininas de *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis, e *A estrela sobe*, de Marques Rebelo

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Professora Orientadora: Prof.ª Dr.ª Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva

Brasília – DF

2015

RODRIGUES, Isaac Jader.

O TRABALHO E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER: um contraponto entre as personagens femininas de *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis, e *A estrela sobe*, de Marques Rebelo / Isaac Jader Rodrigues. – Brasília, 2015.

34 f.: il.

Monografia (licenciatura) – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2015.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva, Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

1. *Iaiá Garcia*. 2. *A estrela sobe*. 3. Literatura brasileira. 4. Romance. 5. Trabalho. 6. Emancipação. 7. Feminismo.

ISAAC JADER RODRIGUES

O TRABALHO E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER: um contraponto entre as personagens femininas de *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis, e *A estrela sobe*, de Marques Rebelo.

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa, pela Universidade de Brasília, sob a orientação da
Professora Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva

APROVADA EM: 07 DE DEZEMBRO DE 2015.

APROVADA POR:

_____

Profa. Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (Orientadora)
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Universidade de Brasília

É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta. (Simone de Beauvoir)

RESUMO

Entre as publicações dos livros *Iaiá Garcia* (1878), de Machado de Assis e *A estrela sobe* (1939), de Marques Rebelo, houve um transcurso temporal de 61 anos. Nesse período, a mulher conseguiu aumentar sua participação em questões que antes eram nomeadamente da atenção dos homens, como a política. Na primeira obra mencionada, a atuação das personagens femininas fica voltada, sobretudo, ao ambiente familiar. Enquanto os homens exercem funções públicas, negociam mercadorias, vão à guerra, entre outros, as mulheres dedicam-se ao matrimônio. Por outro lado, no livro *A estrela sobe*, a protagonista está sempre envolvida em atividades externas ao lar. Graças a um conjunto de eventos históricos, como a necessidade de mão de obra e o movimento feminista, a mulher pôde, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, intensificar sua migração dos espaços privados para os espaços públicos. Com isso, ela passou a enfrentar novas provações. Enquanto a mulher estava sob o apogeu da ideologia do patriarcado, a submissão ao homem era o seu fardo; superado esse momento, ela passou a enfrentar as crueldades do capitalismo. Convém destacar que em quaisquer das situações, as mulheres demonstraram força e graciosidade para lidar com as dificuldades que se punham diante delas. O processo de emancipação ora descrito foi captado e registrado na literatura. Verificamos, a partir da leitura comparada das obras *Iaiá Garcia* e *A estrela sobe*, um desenvolvimento da representação feminina nas relações sociais. A participação, na economia, das personagens femininas quase não aparece no primeiro livro. No entanto, na segunda obra, a atuação da mulher ganha cenário na máquina produtiva. Ao espelhar os fatos da vida real, a sexta arte coloca em evidência aspectos que passam despercebidos em nosso cotidiano. Dessa forma, salienta-se a importância da literatura. A leitura de livros de autores consagrados permite a apropriação das percepções desses mestres, que tinham enorme sensibilidade sobre as questões sociais.

Palavras-chave: *Iaiá Garcia*. *A estrela sobe*. Literatura brasileira. Romance. Trabalho. Emancipação. Feminismo.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO 7
II. JUSTIFICATIVA 8
III. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS 11
1. Sobre Marques Rebelo 11
1.1. Do contexto histórico do século XX 11
1.2. Do contexto literário do século XX 13
1.3. Do livro *A estrela sobe* 14
2. Sobre Machado de Assis 18
2.1. Do contexto histórico do século XIX 19
2.2. Do contexto literário do século XIX 20
2.3. Do livro *Iaiá Garcia* 21
IV. ANÁLISE DAS OBRAS 22
1. Das personagens femininas dos livros analisados 22
2. O feminismo 26
3. A importância do trabalho no processo de emancipação da mulher 28
4. Profissões da mulher 30
CONSIDERAÇÕES FINAIS 32
BIBLIOGRAFIA 34

I. INTRODUÇÃO

O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho foi um marco democrático e representou avanços na economia nacional. Essa conquista trouxe uma mudança de paradigma no universo feminino. Dificuldades existiam antes e persistem ainda, dessa vez, sob outras dimensões. Se durante o auge do patriarcado, a mulher enfrentava os dissabores da submissão ao homem, em tempos mais recentes seus desafios passaram a ser, também, as durezas do capitalismo. O processo de emancipação pelo qual a mulher passou, e sobre o qual o trabalho teve fundamental importância, foi captado por grandes autores e registrado na literatura. Em *Iaiá Garcia* (1878), de Machado de Assis, temos a representação literária de um Rio de Janeiro em que tornar-se dona de casa era a opção majoritária para as mulheres. Em *A estrela sobe,* de Marques Rebelo, romance ambientado na mesma cidade, contudo, em uma época mais adiantada: 1939, as personagens abrem mão, muitas vezes, do casamento em função do trabalho.

Objetivo Geral

Compreender a representação, pela literatura, do processo de emancipação da mulher por meio de sua inserção, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, no mercado de trabalho.

Objetivos secundários

– Resumir o enredo dos livros *Iaiá Garcia* e *A estrela sobe* e, a partir de então, discutir a narrativa de situações que demonstram o processo de emancipação feminina;

– Caracterizar o perfil das principais personagens femininas das obras citadas no item anterior;

– Analisar a forma como os contextos históricos e literários do final do século XIX e do início do século XX contribuíram na determinação da mudança no papel social da mulher;

– Discutir a trajetória do movimento feminista e suas influências na conquista da igualdade de direitos entre mulheres e homens.

II. JUSTIFICATIVA

A releitura de obras clássicas como *Iaiá Garcia* dispensa justificativas. A cada novo estudo encontram-se lições e significados que não foram discutidos anteriormente. Convém ressaltar que, às vezes, obras talvez até igualmente expressivas acabam entrando em esquecimento diante da atenção privilegiada aos cânones. Sendo assim, paralelo à obra machadiana, pretende-se colocar em foco o trabalho de um autor menos popular: Marques Rebelo. Ao se elaborar um contraponto a respeito do labor na qualidade de fator de transformação na maneira como as personagens femininas são caracterizadas em *Iaiá Garcia* e em *A estrela sobe,* tem-se a oportunidade de revisar Machado de Assis e de promover Marques Rebelo. Ademais, a participação da mulher no comércio, na indústria e em todas as esferas sociais, enfim, é um assunto importante do ponto de vista socioeconômico e cultural.

Rebelo é um autor brasileiro cuja obra está situada no período modernista. Embora ele tenha sido eleito, em 1964, para a Academia Brasileira de Letras, suas produções ainda são pouco conhecidas. O motivo de seus livros não terem alcançado muita fama é de difícil apontamento. Teria faltado diligência na editoração? A sociedade ainda não teria conseguido reconhecer a genialidade que estaria latente nessas produções? Ou o estilo literário do escritor não chegou, de fato, ao supremo da perfeição? As possibilidades a respeito desse tema não se esgotam com celeridade. No entanto, cumpre-se, aqui, apenas instigar brevemente a reflexão sobre tais questões.

As obras literárias despertam o interesse de leitores de diferentes gerações. O sucesso de livros clássicos transcende o tempo. Quais as características que confeririam imortalidade a um texto? Shakespeare era mestre em brincar com as palavras. Machado de Assis representou a sociedade de sua época com uma riqueza de detalhes incomparável. Edgar Allan Poe valorizava a técnica da escrita, o cuidado minucioso a respeito de todos os elementos relacionados à composição.

Cada um desses autores destacou-se em determinado critério. Haveria, então, vários centros causativos de perfeição literária? Quais seriam eles? Ora, hoje o ponto forte dos *best-sellers* é certamente um elemento extratextual: a publicidade.

Não parece ser leviano afirmar que a credibilidade de uma obra é atingida por fatores externos a ela. Os críticos partilham da força que inclui ou que exclui um livro do rol dos melhores. A mídia exerce o papel de consagração. A sociedade, embebida na cultura de certo período, aceita ou rejeita o que lhe é apresentado. Assim, a aprovação de uma obra literária passa pelo crivo de várias instâncias. A mais implacável delas talvez sejam os anos. O tempo é o mecanismo mais adequado para se examinarem as qualidades internas de um texto. A imparcialidade de julgamento não existe se nossos sentidos estão viciados no plano de um paradigma.

Um livro que se destaque em apenas um mérito não conseguirá lugar entre os cânones. Espécies intrínsecas e extrínsecas são necessárias à emergência da celebridade. O trabalho de *marketing* pode influenciar a percepção das pessoas com relação a um produto, mas há limites. Sem predicados internos, um texto alcançará, no máximo, sucesso momentâneo. Em contrapartida, sem a influência de fatores externos, ele não se projetará ao público. Enquanto naquela situação a obra estará fadada ao esquecimento, nesta ela estará submetida a uma condição ainda mais grave: a do anonimato, do desconhecimento.

Uma obra literária da qual o conteúdo não seja de valor intensamente grave assegurará, mesmo assim, parte no processo de formação da identidade coletiva, desde que conquiste notoriedade pública. Contudo, essa participação será efêmera e até dissolvível. Quantas publicações não inflamaram ideais em jovens e depois foram vencidas por outras mais consistentes? Por outro lado, quando pensamos sobre os livros de grande valor intrínseco e que, entretanto, nunca foram amplamente discutidos, não temos deles sequer uma mínima influência cultural. Possuem eficácia suspensa.

A desforra dos bons livros *per se* está na capacidade que eles possuem de esperar pela oportunidade de evidenciação. Várias obras só se tornaram conhecidas décadas após a morte de seus autores. Ficaram ignoradas em acervos pouco consultados até que alguém as descobrisse e as divulgasse, conferindo-as o crédito devido. Decerto numerosos volumes permanecem incubados neste preciso instante,

aguardam a ocasião do reconhecimento para provocarem alguma mudança no mundo.

A lista de obras de Rebelo é extensa. O autor publicou romances, contos, crônicas, exemplares infanto-juvenis, entre outros. Dentre suas produções de maior sucesso destaca-se o romance *A estrela sobe*, é esse livro que será aqui tomado como referência. Quais são os méritos presentes no volume? O escritor teria se destacado mais no arranjo das frases e palavras ou no desenvolvimento do conteúdo? Qual a importância do livro no contexto histórico em que foi escrito? Esse valor estende-se aos dias atuais? Essas são algumas das perguntas cujas respostas serão ensaiadas.

A ascensão social da mulher, por meio do trabalho, é um dos temas que chama a atenção na narrativa de Rebelo. Sabe-se que essa escalada não se sucede alheia a dores. Logo, o autor denuncia os sofrimentos a que a mulher é sujeitada em uma sociedade ainda paternalista e machista. A leitura dos livros *A estrela sobe* (1939) e *Iaiá Garcia* (1878) traz a percepção de que foram muito diferentes as adversidades que as personagens femininas de cada uma dessas obras enfrentaram. Considerando-se que entre o final do século XIX e o início do século XX houve um relevante aumento da participação feminina na força produtiva nacional, cabe reconhecer que esse fato constitui uma das razões pela qual Machado e Rebelo representaram a vida de suas personagens segundo contornos tão díspares.

Tanto Machado de Assis quanto Marques Rebelo foram capazes de fazer retratos vívidos do Rio de Janeiro de suas épocas. As fotografias a que vamos nos ater serão aquelas que demonstram, de um lado, a ausência quase que total da mulher no mercado de trabalho e, de outro, sua pesada batalha para inserir-se na lógica produtiva e conquistar independência. Apesar dos romances em análise tratarem de histórias fictícias, eles englobam elementos bem reais. Assim sendo, reforça-se o valor da literatura, por expor injustiças, dramas, lutas, modelos sociais e tantas outras matérias.

III. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS

1. Sobre Marques Rebelo

Marques Rebelo, pseudônimo literário de Edi Dias da Cruz, foi jornalista, contista, cronista, novelista e romancista brasileiro. Nasceu em 1907 na Cidade Maravilhosa e morreu em 1973 em sua terra natal. Viveu em Barbacena, Minas Gerais, entre os anos de 1911 e 1918. Seu pai, Manuel Dias da Cruz Neto, era químico, empresário do setor farmacêutico e professor. Sua mãe, dona Rosa Reis Dias da Cruz, possuía fazendas nas cidades de Cantagalo e Magé, no Rio de Janeiro. O autor vinha, portanto, de uma família abastada e teve acesso a educação de qualidade. Ingressou na Faculdade de Medicina, mas abandonou o curso para trabalhar no comércio. Mais tarde, em 1937, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil (atual UFRJ).

As primeiras obras publicadas de Rebelo foram poemas veiculados pelas revistas *Verde, de Antropofagia, Leite Criôlo*, entre outras. Seu primeiro livro, *Oscarina*, consagrado pela crítica, foi lançado em 1931. Oito anos depois, o escritor viria a publicar sua obra de maior sucesso entre o público: *A estrela sobe*. O universo ficcional do autor era centrado no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. O grande mérito do escritor foi denunciar a existência sofrida e trágica daqueles que vivenciaram, em uma sociedade decadente, o período de transição para a modernidade.

1.1. Do contexto histórico do século XX

A narrativa do livro *A estrela sobe* ocorre no contexto da terceira década do século XX. Naquela época, o cenário socioeconômico e político do Brasil era muito problemático. O país passava por um conjunto de profundas transformações. Em 1889 foi proclamada a República, uma nova forma de governo que vinha sobrepor-se ao imperialismo. A partir disso, a democracia foi ganhando força. Mas, a população enfrentou governos militares e ditaduras, passando por novidades e incertezas.

Durante a Primeira República (1890-1930), os estados possuíam muita autonomia. Eles podiam contrair empréstimo com outros países, organizar suas forças militares, entre outras prerrogativas. O poder nacional era exercido pelos estados mais ricos: São Paulo (importante produtor de café), Minas Gerais (grande produtor de leite) e Rio Grande do Sul. Tratava-se de um regime de oligarquias, conhecido como política do café com leite. A participação popular era ainda muito incipiente e a presidência da república era revezada entre os governantes dos estados mencionados, graças a artimanhas políticas.

Em 1930, quando o paulista Washington Luís, presidente do país à época, indicou Júlio Prestes para sua sucessão, houve um descontentamento por parte das oligarquias mineira e rio-grandense. O sistema de revezamento de poder estava sendo ignorado. Logo, os governantes de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul se uniram e promoveram a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas. Júlio Prestes venceu as eleições, mas não tomou posse. Os militares tomaram o poder e depuseram Washington Luís. A presidência da República foi então oferecida a Getúlio Vargas, que permaneceu no poder por quinze anos sucessivos (1930-1945). Esse movimento político foi chamado de Revolução de 1930.

Embora a agricultura, destacando-se a produção do café, fosse a força motriz da economia nacional, a indústria desenvolvia-se intensamente e, com ela, surgiam os problemas dos grandes centros urbanos. Muitas pessoas deixavam o campo em busca de oportunidades de trabalho e de vida nas cidades. Formava-se uma grande massa popular para a qual os governantes não podiam deixar de oferecer atenção. Getúlio Vargas preocupou-se com a classe trabalhadora, até então desamparada. Em seu governo foram criadas várias leis de proteção ao trabalhador e as Juntas de Conciliação e Julgamento (para revolver conflitos entre empregados e patrões), entre outras vantagens. Também foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Parte do contexto histórico retratado nos parágrafos anteriores foi utilizada por Marques Rebelo como pano de fundo para o romance *A estrela sobe*. Questões como o desemprego e a miséria permeiam toda a história. A luta diária pela conquista de mais dignidade de vida é muito bem apresentada pelo autor. Nesse livro, o ambiente urbano tem importância singular. Os dramas vividos pelas protagonistas são próprios de quem vive na cidade. As personagens criadas por

Rebelo não teriam razão de ser em um contexto que não fosse o urbano. A obra não existiria.

1.2. Do contexto literário do século XX

Se por um lado a conjuntura sociopolítica, durante a primeira metade do século XX, era efervescente; por outro, na literatura, a circunstância não era distinta. Em 1922 ocorreu, em São Paulo, a Semana da Arte Moderna, evento que foi o marco inicial do Modernismo no Brasil. O Modernismo foi um movimento literário e artístico que tinha como finalidade romper com o tradicionalismo, buscando a liberdade estética, a experimentação contínua e a libertação cultural do país. Uma verdadeira quebra de paradigmas estava sendo proposta.

O Modernismo é estudado a partir de três fases: na primeira fase (1922-1930) destacam-se o Cubismo, o Futurismo, o Surrealismo, entre outras vanguardas; na segunda fase (1930-1945), temáticas nacionalistas; e, na terceira fase (1945-1960), o rigor formal menos afeito ao padrão estético adotado pelos escritores de 1922. Marques Rebelo é considerado um autor modernista e a obra *A estrela sobe* está situada na segunda fase desse movimento, mais precisamente, no bojo da prosa urbana. Outros literatos que se destacaram no Modernismo são: Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Euclides da Cunha, entre muitos.

A prosa modernista (1930-1945) é dividida nas prosas regionalista, urbana e intimista. A primeira tematiza a vida no nordeste brasileiro, denuncia o descaso, a miséria e a seca; a segunda, que neste trabalho nos é de maior interesse, pois é nela que a obra *A estrela sobe* está abarcada, discute a vida nas grandes cidades e os problemas sociais; a última, que foi influenciada pela teoria psicanalítica de Freud, tem como matéria o mundo interior.

A prosa urbana de 1930 é caracterizada pela denúncia dos problemas políticos e sociais das grandes cidades. Suscita-se que a corrupção castiga o povo e que o desenvolvimento industrial corrói as relações humanas. Tem-se no cenário urbano um palco para a pobreza, para a marginalização e para a violência. A vida cotidiana não é idealizada. A alienação e a infelicidade trazem a esse tipo de prosa um tom realista.

1.3. Do livro *A estrela sobe*

A trajetória da protagonista, Leniza, começa a partir da narrativa de sua infância. A menina é filha de Manuela, dona de casa, e de Martin, um descendente de alemães e relojoeiro assalariado. Ambos são dedicados aos seus deveres. Até os oito anos, a jovem tem vida confortável, contudo a situação financeira da família piora quando Martin se adoenta. O homem, que nunca se preocupou em poupar, morreu após dois anos afastado do trabalho por motivo de saúde. A viúva e sua filha ficaram na miséria. Diante disso, Manuela buscou amparo na casa de uma comadre que sublocava cômodos. A habitação era velha e maltratada e as três dividiam um aposento: os outros três quartos da casa estavam subarrendados a seis hóspedes, em cada um desses quartos moravam dois mancebos.

Para dar conta da alimentação e de outras despesas, Manuela tornou-se lavadeira. Ela tinha como principais clientes os sublocatários dos dormitórios. Aproximadamente seis anos se passaram sob essas condições. Leniza completava quatorze primaveras e os segredos da vida se rompiam para ela. Constantemente a garota via os hóspedes em seus quartos, de portas abertas, propositadamente ou não, nus. Ouvia suas conversas pouco decorosas. O conhecimento restante foi dado pelas meninas da escola e pelas amigas da rua. Leniza teve seus primeiros namorados.

Com a morte da comadre, Manuela herda alguns poucos móveis e passa a ser a locatária da casa. A mulher continuou com as sublocações, contudo, a partir daquele momento, cada quarto seria alugado a uma única pessoa. Ela estava farta de tanta movimentação no imóvel e também da liberdade a que os homens se permitiam diante da presença de Leniza. As mudanças que a viúva promoveu no negócio causaram redução de renda, que foi compensada com a admissão de Leniza, na função de empacotadora, em uma fábrica de balas. Tão logo a menina conseguiu o emprego, Manuela pediu que os seis homens desocupassem os quartos. Em pouco tempo, a viúva conseguiu sublocá-los a três interessados.

Leniza não conseguiu completar sequer o primeiro mês de labuta na fábrica de balas. O responsável pela seção em que ela estava lotada a assediou e, sem resposta positiva, reclamou dela ao patrão. Este, confiando em seu empregado, demitiu a novata. Três dias depois, Manuela consegue nova ocupação à filha. A

menina passa a trabalhar em um laboratório de especialidades farmacêuticas, onde pareceu se adaptar bem. O ordenado que ela percebia era superior ao que ganhava anteriormente. Leniza faz amizade com as outras empregadas do laboratório e, em decorrência das longas conversas que mantinham, a menina perde a pouca ingenuidade que ainda podia lhe haver. Passou a frequentar bailes em clubes e mentia para a mãe, dizendo que eram bailes familiares.

Passa-se um ano. Agora Leniza ocupa um quarto individual, ao lado dele ficava o dormitório de Astério, um empregado de uma agência de transportes, por quem a moça viria a se apaixonar perdidamente. Seu primeiro namoro sério foi com esse rapaz, que teria talvez vinte e cinco anos. A garota deixou de frequentar as festas de outrora em razão de seu compromisso. Astério era trabalhador e pensava em casamento; contudo, Leniza, por motivo não sabido, afastava a possibilidade. Ela também não queria permitir que sua mãe soubesse do relacionamento dos dois. Mas não demorou muito até que Manuela descobrisse. A viúva até apoiou o romance, entretanto, o ciúme que havia entre os enamorados resultou em várias brigas. Uma delas os levou à delegacia e ao fim do namoro. Astério vai embora, desocupando o quarto sublocado. Leniza volta a ir aos bailes. Nesse momento, Alberto, porteiro de uma companhia de seguros, vai morar na pensão. O homem tocava violão e Leniza, às vezes, cantava.

No laboratório em que Leniza trabalhava, tudo seguia na normalidade, até que o proprietário do negócio, um químico, aceitou proposta de trabalho em São Paulo e vendeu sua empresa. O novo dono do empreendimento, Sr. Menezes, decidiu investir em anúncios. Uma de suas estratégias de negócio foi criar um grupo de promotoras de vendas junto aos médicos. Leniza tornou-se uma dessas agentes e, no novo cargo, conseguiu relevante aumento salarial, o que a deixou muito satisfeita.

Leniza adapta-se à rotina de uma vida que lhe é, de certo modo, confortável. Suas novas atividades laborais foram tão bem-vindas quanto o acréscimo em seu ordenado: “Começou uma outra vida – oh! –, uma boa vida. Afinal, quem não ama a liberdade? (...) andar na rua, não ter horas certas, conversar com este, conversar com aquele (...)” (REBELO, 2009, p.27). Todavia, Leniza sabe que mudanças positivas sempre devem acontecer. Portanto, quando Alberto sugere que ela faça um teste para cantar em rádio, a moça aceita a ideia. Leniza encontraria, mais à

frente, em um homem, Mario Alves, a facilidade de que precisaria para ingressar no meio artístico.

Em decorrência de seu trabalho, a jovem promotora de vendas conhece o Dr. Oliveira, indivíduo de pouco mais que trinta anos. O médico interessa-se pela moça, mas ela não lhe faz promessas. A liberdade é o que norteia Leniza. Enquanto se encontrava com Oliveira, Leniza conhece Mário Alves, um vendedor de rádio que tinha contato com algumas pessoas da indústria fonográfica. Ele era casado. Com vistas à obtenção de alguma vantagem, no sentido de realizar o sonho de tornar-se cantora, ela começa a alimentar esperanças no rapaz.

Mário Alves providencia um teste para Leniza cantar na rádio Metrópole. O diretor de *broadcasting* dessa empresa é amigo dele. O favor é retribuído, pela moça, com prazeres carnais. Leniza, que os proporcionou enojada, estava com o coração voltado para Oliveira. A jovem consegue o emprego e, embora nenhum contrato de trabalho tivesse sido celebrado, pede suas contas junto ao seu Meneses. A promessa de ganhos era de seiscentos mil-réis por mês, mas, à data do pagamento, ela recebe só duzentos, valor esse que não foi suficiente para liquidar os compromissos que fez.

Ao contar a Oliveira sobre seu trabalho na rádio, o médico desaprova. Os dois deixam de se ver. A relação, que há pouco tempo mostrava-se promissora, não fosse o desapego de Leniza, encontrava naquele momento, ainda que de maneira pouco clara, o seu ponto-final. O ciclo de amizades da menina fechava-se com o pessoal aplicado à música. Sua vida havia sido transformada. Daquele momento em diante, ela experimentaria os doces e os amargos, os altos e os baixos do caminho que escolhia trilhar.

Diante da dificuldade financeira na qual se colocou, a moça acaba aceitando dinheiro emprestado de Dulce, uma colega da rádio. No segundo mês foi a mesma coisa. Porto, seu chefe, explicou que a rádio era pequena e que tinha poucos recursos; esclareceu, ainda, que as outras cantoras, a maioria delas, arranjavam-se de outras formas. A garota entende a realidade e rende-se à prostituição. Leniza vende-se, por um mês, a Porto. O preço pactuado foi de seiscentos mil-réis. Houve, entre os dois, algum sentimento de admiração ou de cumplicidade.

A mãe de Leniza adoenta-se e a moça acaba precisando de mais dinheiro, ela não pede ajuda de Porto, prostitui-se para Amaro, homem rico. Porto sabe do ocorrido e magoa-se. Em decorrência disso, Leniza sai da rádio Metrópole; contudo,

consegue emprego, dentro de dois dias, na Continental, que é uma empresa radiodifusora mais sólida. A oportunidade é aberta graças aos esforços conjuntos de Amaro e de Negrinho, que têm grande influência junto ao diretor artístico da Continental. A jovem deslancha sua carreira com a música “Gastei todo o meu amor com um homem só”.

O meretrício, sem os cuidados anticonceptivos, leva Leniza à gravidez. Quando ela descobre que está em gestação, vai até Oliveira e pede que ele faça um aborto. A garota acreditava que sua influência sobre o médico ainda era fatal, mas é surpreendida diante da negativa do homem. O favor pedido ia contra as crenças dele e, embora compelido a atender o aclame daquela que ainda o perturbava o coração, ele encontra forças para manter sua palavra inicial. A moça, então, procura seu Amaro, que seria o pai da criança, ele a encoraja a fazer o procedimento abortivo e garante arcar com os custos.

A situação de Leniza era assoladora. Nesse momento da história, ela mora no centro da cidade. A jovem havia se mudado pouco tempo depois de iniciar sua carreira como cantora. Alfredo, sua mãe e ela passaram a dividir um pequeno apartamento na rua do Riachuelo. Os gastos da moça elevaram-se além de seus ganhos no estúdio e o restante das despesas eram bancadas como o dinheiro da prostituição. É claro que sua mãe não sabia disso, a filha deveria seguir a moral que lhe ensinara.

Amaro sugere que Leniza procure uma parteira para fazer o aborto. A jovem segue o conselho e encontra-se com madame Consuelo, em São Cristovão. Ao ver as condições em que o procedimento seria feito, a moça fica receosa: “Acostumada à habitual limpeza dos consultórios médicos, a casa imunda da parteira e a imundície dela própria (o pescoço sujo, o cabelo sujo, Leniza notou) causaram-lhe péssima impressão” (REBELO, 2009, p.201). Mesmo assim, a jovem submete-se à operação. Dois dias depois, ela entra em total estado de debilitação. O Dr. Vasconcelos é chamado por dona Manuela. O médico logo percebe a razão do problema e, achando que D. Manuela já sabia de tudo, fala que aquelas eram as complicações do aborto. A mulher fica atônita; se ela desconfiava da vida pouco digna de sua filha, agora tudo se confirmava.

Leniza fica acamada por dias, Oliveira a visita, mas seu amor já havia esfriado. A mãe da moça deixa de falar com ela. Sua decepção maculou o relacionamento que tinha com a filha. Apenas Alberto ainda lhe tinha amor – um

amor paterno. Leniza entra em uma crise existencial, mas seu desejo de vida foi maior. Ela recompõe-se. Ao melhorar de saúde, segue à Continental, para dar andamento à sua profissão. O narrador conclui o romance com as seguintes palavras: “Fico, porém, quantas vezes, pensando nessa pobre alma tão fraca e miserável quanto a minha. Tremo: que será dela, no inevitável balanço da vida, se não descer do céu uma luz que ilumine o outro lado de suas vaidades?” (REBELO, 2009, p.222). Embora Leniza gozasse de certa liberdade, assenhorada a duros esforços, ainda lhe faltavam conquistas que a colocassem sobre o controle da própria vida.

Marques Rebelo detalhou as relações do homem em uma sociedade em crise de um modo que, ao leitor, fica fácil a entrada em processo de empatia com relação às personagens. O livro *A estrela sobe* traz questões relacionadas à miséria nas cidades, à luta pelo pão de cada dia, às condições degradantes de trabalho, entre outras.

2. Sobre Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis é um escritor brasileiro que viveu entre os anos de 1839 e 1908. Sua primeira obra, *Ressureição*, foi publicada em 1872, quando o autor tinha 33 anos. A partir de então, vários outros livros foram sendo lançados e a carreira de Machado, que também era servidor público, deslanchou. A genialidade do escritor o permitiu superar sua origem pouco abastada. Seu pai, um mulato brasileiro, era pintor de paredes. Sua mãe, uma portuguesa natural da Ilha de Açores, era lavadeira.

A obra machadiana é didaticamente dividida em duas fases: na primeira o autor mantém algumas características românticas. Estão inseridos nessa fase os livros: *Ressurreição, A mão e a luva, Helena,* e *Iaiá Garcia*. Na segunda fase, o estilo realista de Machado consagra-se. O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* é o marco divisor entre esses dois momentos do escritor. Outras obras publicadas na segunda fase machadiana foram: *Quincas Borba, Dom Casmurro, Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*.

Mais adiante, analisaremos a obra *Iaiá Garcia*, publicada em 1878. Esse romance é considerado o último livro da primeira fase de Machado de Assis. Antes disso, no entanto, será apresentado um breve panorama histórico do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro (lugar onde o romance é ambientado) do século XIX. A compreensão do contexto sociocultural da época em que o romance foi concebido é fundamental para o entendimento de alguns dos aspectos da narrativa.

2.1. Do contexto histórico do século XIX

A narrativa do livro *Iaiá Garcia* ocorre no contexto do século XIX. Naquela época, o regime escravista estava em seus últimos momentos de vigência no Brasil. Em maio de 1888 a Lei Áurea foi sancionada, extinguindo a escravidão com amparo legal. Antes dessa lei, alguns escravos conseguiam liberdade por meio da carta de alforria, que era a renúncia, por parte do proprietário de escravo, de seus direitos de posse sobre este.

Entre os anos 1864 e 1870, o Brasil manteve guerra contra o Paraguai. O conflito começou quando tropas brasileiras invadiram o Uruguai e derrubaram o governo do ditador Aguirre. Uma vez que essa ação foi contra os interesses do Paraguai, esse país reagiu contra o Brasil. Os motivos do confronto não foram muito bem delineados pelos livros de história. Entretanto, sabe-se que o Brasil, o Uruguai e a Argentina formaram uma aliança e venceram a nação paraguaia. A Inglaterra ofereceu dinheiro e apoio militar a essa aliança.

Durante o século XIX, a vida social no Rio de Janeiro podia ser entendida a partir de um conjunto de fatores: a escassez de oportunidades de trabalho tornava a figura do agregado muito comum; o caráter patriarcal da sociedade trazia como efeito a recorrência da celebração de casamentos por interesses; a limitação de recursos tecnológicos na época configurava a conjuntura de um mundo não globalizado.

2.2. Do contexto literário do século XIX

Por volta de 1881, no Brasil, um movimento cultural denominado Realismo, vinha opor-se à corrente anterior, o Romantismo. Enquanto este valorizava o subjetivismo, o idealismo e o pessimismo, por exemplo; aquele, o objetivismo, a não idealização da mulher, a descrição da realidade de maneira fidedigna, entre outros. Assim, o Realismo seguiu na contramão das características do Romantismo. Os pintores, os literatos, os escultores, entre muitos, possuíam o ideal de promover uma verdadeira revolução nas artes. E, efetivamente, foram além disso, pois, ao passo em que a arte era reconstruída, a história também o era. É claro que a própria história também determinou mudanças nas artes. Não podemos ignorar a reciprocidade entre essas duas esferas.

Eça de Queiroz *apud* Nicola (1990, p.115) nos traz uma definição bem emblemática a respeito dos dois movimentos literários mencionados no parágrafo anterior:

> O Realismo é uma reação ao Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é anatomia do caráter, a crítica do homem. É a arte que pinta a nossos próprios olhos - para condenar o que houver na nossa sociedade.

Essa citação evidencia o que seja, talvez, o maior hiato entre esses movimentos culturais. O objeto de atenção, em cada um deles, é diferente. Se de um lado o Romantismo valoriza o sentimento; de outro, o Realismo perscruta o caráter humano.

O livro *Iaiá Garcia*, publicado em 1878, foi concebido quando seu autor, Machado de Assis, ainda mantinha algumas características românticas. Só mais tarde é que o escritor viria a consolidar-se no estilo realista, tornando-se o maior representante brasileiro dessa forma de expressão. A obra *Iaiá Garcia* prenuncia a mudança que afetaria, de maneira positiva, o estilo literário do autor. Nela, é possível depreender particularidades dos dois movimentos artísticos citados. Nesse livro, a valorização dos sentimentos das personagens é tão constante quanto é o aprofundamento nas questões a respeito do caráter delas. A dissimulação, o orgulho, o amor e o desencanto são temas que se entremeiam e dão ao romance um tom de dualidade (Romantismo/Realismo).

2.3. Do livro *Iaiá Garcia*

O contexto histórico esboçado no capítulo anterior foi utilizado por Machado de Assis como um apoio sobre o qual ele estruturou o romance *Iaiá Garcia*. A rede de acontecimentos narrada no livro começa quando Valéria Gomes, uma viúva rica, pede a interferência de Luís Garcia, que é amigo da família, em conflito entre ela e seu filho, Jorge. A mulher espera que o jovem seja combatente na Guerra do Paraguai. Sua intenção é evitar a consumação do amor que ele sente por sua agregada, Estela. Valéria acredita que Luís Garcia é capaz de convencer Jorge da conveniência do alistamento militar. A viúva argumenta que o patriotismo é importante, mas logo o Sr. Garcia descobre a verdade. Ele percebe que a intenção de Valéria era separar o filho de uma mulher. O que Garcia nunca descobre é a identidade dessa mulher.

Jorge acaba juntando-se ao exército. A indiferença de Estela aos seus galanteios, somada à insistência da mãe, o motivou. Durante a guerra, o rapaz conhece Procópio Dias, um rico negociante sem muita honra. Quatro anos depois de sua partida, Jorge volta da guerra e encontra Estela casada com Luís Garcia. A moça, que antes era agregada de Valéria, agora mora com seu marido, com a filha dele – Iaiá Garcia –, que é sua enteada, e com Raimundo, um escravo que recebeu alforria e não quis deixar a família. O militar começa a frequentar a casa de Luís Garcia e Procópio compreende que, na verdade, as visitas de Jorge ocorrem por causa de uma das duas mulheres da casa. Com certeza o rapaz estava apaixonado. Como Procópio estava interessado por Iaiá, ele esperava que a paixão de Jorge fosse por Estela. O rapaz confirma que sua paixão é por Estela e compromete-se a ajudar Procópio a conquistar Iaiá Garcia. Entretanto, ele acaba encantando-se por Iaiá, com quem posteriormente celebra matrimônio.

Luís Garcia morre de problemas cardíacos. Sua filha, Iaiá, fica bastante abalada com a perda. Ela era muito próxima a ele. Estela, diante da morte de seu marido e do casamento da enteada com seu antigo pretendente, aceita proposta para dirigir estabelecimento de educação em São Paulo e muda-se para essa cidade. Seu pai, o Sr. Antunes, que sempre viveu sob a proteção da família de Valéria, permanece no Rio de Janeiro.

A maestria com que Machado de Assis conseguiu tratar da problemática dos conflitos humanos em seus romances permite que o leitor seja remetido ao profundo dos sentimentos experimentados pelas personagens que criou. O romance *Iaiá Garcia* é imerso em questões relacionadas ao favor, ao dinheiro, ao patriarcalismo, ao paternalismo, à dissimulação, ao desencanto, entre outras. Esses são alguns dos centros reflexivos do livro.

IV. ANÁLISE DAS OBRAS

A literatura capta a realidade e nos permite visão abrangente sobre os processos socioculturais em andamento numa determinada época. Constata-se, por meio da análise comparada das obras *Iaiá Garcia* e *A estrela sobe,* uma mudança na forma como as personagens femininas são socialmente representadas. Na obra machadiana, por exemplo, que foi concebida no século XIX, a mulher tem pouquíssima participação nos processos produtivos de mercado. Por outro lado, em *A estrela sobe*, a presença da mulher rompe as fronteiras do lar.

A reprodução, pela literatura, dos fatos da realidade, coloca em foco elementos que, muitas vezes, não notamos. Tem-se o convite para uma discussão que pode resultar em nova forma de entender o mundo e de agir. A literatura vai muito além do entretenimento, ela nos permite a reflexão e nos instiga a construir uma sociedade melhor.

1. Das personagens femininas dos livros analisados

As principais personagens femininas em *Iaiá Garcia* são: Lina Garcia (Iaiá), Valéria Gomes e Estela. A primeira é alegre, ciumenta e devota ao pai. A segunda, dominadora, dissimulada e preconceituosa, contudo, não deixa de ter boa índole. A terceira, bonita, orgulhosa e racional. Nota-se que a atuação dessas personagens fica predominantemente voltada ao ambiente familiar. Enquanto os homens exercem funções públicas, negociam mercadorias, vão à guerra, entre outros, as mulheres

dedicam-se ao matrimônio. Por outro lado, em *A estrela sobe,* livro no qual as personagens de maior destaque são Leniza e sua mãe, Manuela, as personagens femininas estão sempre envolvidas em atividades que permeiam o ambiente público. Os adjetivos que mais bem lhes afiguram são a determinação e a tenacidade.

Em *Iaiá Garcia*, Valéria é viúva de um desembargador. Ela consegue fazer com que seu filho, Jorge, vá à guerra que acontecia entre o Brasil e o Paraguai. Para isso, ela convence Luís Garcia, um amigo da família, a incentivar o alistamento do jovem. Valéria diz ao Sr. Garcia que o patriotismo a impelia a ver seu filho tornar-se um combatente. Mas, a verdade não era essa. Ela queria afastar o rapaz de um provável romance entre ele e sua agregada, Estela. É claro que essa motivação não seria revelada, pelo menos de maneira espontânea, a ninguém. Dessa forma, Valéria mostra-se preconceituosa, dominadora e dissimulada. Schwarz (2000, p.189), defende que a mola dos acontecimentos do livro está na autoridade da viúva rica. O dinheiro que ela possuía permitia a realização de suas vontades.

Valéria faz com que suas decisões prevaleçam sobre a opinião de quem lhe é próximo e, como forma de sentir-se bem consigo mesma, oferece recompensas. Garcia convence, a contragosto, Jorge de ir à guerra. Mais tarde, Valéria facilita seu casamento com Estela. Jorge alista-se, separa-se da amada, mas conquista a glória militar. Veja: “Valéria propõe: a Estela, um homem por outro homem; a Luís Garcia, uma esposa por um constrangimento; a Jorge, a glória militar por Estela” (SCHWARZ, 2000, p.193).

A representação do favor, em *Iaiá Garcia*, é dada pela “dependência da pessoa, pela exceção à regra, pela cultura interessada, pela remuneração e pelos serviços pessoais” (SCHWARZ, 2000, p.16). Quando Luís Garcia é persuadido por Valéria a convencer Jorge de ir à guerra, o que temos é uma relação de dependência daquele a respeito desta. A qualquer outra pessoa Garcia teria negado a interferência, mas, naquele caso, ele precisava fazer uma exceção. O falecido esposo de Valéria Gomes era um desembargador honorário e possuía muito dinheiro. Garcia prestou obséquios a esse desembargador e também recebeu obséquios dele. Construiu-se, assim, uma teia de obrigações mútuas em que o dinheiro e os serviços pessoais eram a base constitutiva.

Estela encontrava-se, em relação à família Gomes, em situação de dependência ainda mais intensa do que a de Garcia. E, se de um lado o pai de Iaiá parecia lidar bem com aquela condição; Estela, de outro, era orgulhosa e não

aceitaria permanecer sob o véu da subordinação. Procurando livrar-se das humilhações do paternalismo, a moça, embora nutrisse afeto por Jorge, dissimulou não amá-lo. No trecho a seguir, Machado de Assis apresenta o motivo que levou Estela a recusar o amor do filho de Valéria:

> Simples agregada ou protegida, não se julgava com direito a sonhar outra posição superior e independente; e dado que fosse possível obtê-la, é lícito afirmar que recusara, porque a seus olhos seria um favor, e a sua taça de gratidão estava cheia. (ASSIS, 2011, p.16)

Desencantado, Jorge parte para a guerra com o coração ferido e com a razão escurecida, o que acende nele o ímpeto de bravura e lhe garante respeito no exército. O desencanto foi responsável pela glória do rapaz, porém, poderia ter sido responsável por sua morte: “(...) a temeridade do mancebo parecia ir além dos limites do costume, e que em vez de um homem que combatia, era ele um homem que queria morrer (...)” (ASSIS, 2011, p.92).

Enquanto Jorge combate na guerra, Estela e Luís Garcia aproximam-se, um do outro, por influência de Valéria e de Iaiá. Ambos acabam celebrando matrimônio, não por paixão, mas por se julgarem mutuamente dignos. Anos depois, ao voltar ao Rio de Janeiro, Jorge encontra Estela casada. Com o tempo, Jorge apaixona-se e casa-se com a filha do amigo, Lina. Antes disso, houve algum atrito, em decorrência de ciúmes, entre Estela e sua afilhada. Lina não se contentava com a descoberta de que havia sentimentos entre sua madrasta e Jorge. Contudo, Estela não permitiu que o amor que sentia obscurecesse sua racionalidade:

> A fronte de Estela não tinha a tristeza dos vencidos. O amor persistia no coração, como um mau hóspede; e o espetáculo daqueles últimos meses não fizera mais do que irritá-lo. Mas a força moral de Estela subjugou-o. A luta fora longa, violenta e cruel; a consciência do dever e o respeito de si própria acabaram vencendo. Talvez não fosse difícil perceber, por baixo da serenidade do rosto, o cansaço que deixam as grandes tempestades morais. A tempestade ninguém lha viu. (ASSIS, p. 185).

Talvez nunca tivesse havido necessidade de Valéria empreender tamanho esforço para afastar seu filho de sua agregada. Estela, embora amasse Jorge, nunca se permitiria um relacionamento com ele. A moça era orgulhosa e, sendo ela, de acordo com Assis (2011, p.76),

> simples agregada ou protegida, não se julgava com direito a sonhar outra posição superior e independente; e dado que

> fosse possível obtê-la, é lícito afirmar que recusara, porque a seus olhos seria um favor, e a sua taça de gratidão estava cheia.

Com a personagem “Estela”, Machado suscita, ainda no século XIX, um descontentamento feminino a respeito da dependência. Para Schwarz, “na fuga à relação desigual ecoa a recusa da desigualdade ela própria”. Fervilhava em Estela o desejo de liberdade. Ela era grata por ter sido acolhida por Valéria, mas isso não tirava dela o direito da emancipação, que mais tarde foi viabilizado à personagem por meio do trabalho.

Até aqui, a maior parte dos adjetivos que qualificam as personagens femininas são, basicamente, aqueles que se espera apreciar em ambientes domésticos: ciúmes, orgulho, fidelidade, entre outros. Adjetivos como ambição, iniciativa e profissionalismo não aparecem em *Iaiá Garcia.* Dessa forma, temos o tracejo de um perfil feminino preponderantemente familiar. Por outro lado, em *A estrela sobe,* o perfil das mulheres é bem diferente. A forma como as personagens femininas são caracterizadas nesse livro reflete o curso de uma mudança na sociedade. No século XX, o trabalho externo ao lar tende a ser, para as mulheres, tão comum quanto é para os homens. A participação da mulher na economia torna-se fundamental para o sucesso do país.

Manuela, após a morte do marido, Martin, torna-se lavadeira e, posteriormente, sublocadora de cômodos. O esforço era necessário para que ela pudesse sustentar-se a si e a sua filha, Leniza. A mulher demonstra força e iniciativa. Educar e alimentar uma criança, sem a ajuda de um marido, e em uma sociedade decadente, não foi tarefa fácil. A viúva chegou a receber ajuda de uma comadre, porém, em nenhum momento, procurou o apoio de um homem. Manuela nunca teve grandes êxitos, mas sempre conseguiu reservar o mínimo para a subsistência. Nem ela nem sua filha passaram fome.

Para ajudar a mãe, Leniza começa a trabalhar bem cedo. A jovem atuou nas funções de empacotadora, de auxiliar de laboratório farmacêutico, de promotora de vendas e de cantora. A prostituição também foi, secretamente, uma alternativa de renda para a moça. Convém destacar que o casamento nunca foi uma opção de vida para Leniza. Ela até chegou a ter a oportunidade de casar-se com um médico e conquistar, com isso, alguma tranquilidade financeira, mas, sujeitar-se à submissão era uma hipótese que sequer chegou a passar pela cabeça da moça.

Leniza era independente e essa condição já estava, desde a sua mãe, arraigada em sua essência. O matrimônio, a maternidade, somente embaraçaria a trajetória de vida que seu espírito, livre, ansiava. Isso tanto é verdade que quando a jovem engravidou, tenha sido por falta de conhecimento de métodos anticonceptivos ou mesmo por descuidado, a primeira ideia que lhe veio à mente, e que mais tarde foi concretizada, foi a do aborto. É conveniente realçar que o homem que seria o pai da criança era muito rico. Mas isso não despertou ganância em Leniza. A ambição dela estava voltada para ganhos que adviessem do trabalho profissional.

2. O feminismo

Inicialmente, assenta esclarecer que o feminismo e o machismo são correntes de pensamento cujas essências em nada se assemelham. Enquanto aquele movimento defende a igualdade de direitos, este, a dominação masculina. A delimitação, precisa, dos contornos de cada um desses conceitos não será feita, pois não há vias para tal. Sabemos que, no mundo prático, a variedade de posicionamentos que as pessoas assumem adianta-se ao número de padrões sociocomportamentais tecnicamente estabelecidos. Logo, é esperado que haja indivíduos que se denominem, por exemplo, feministas, mas que tenham determinações demasiadamente radicais. De acordo com Alves (1981, p. 7):

> É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias.

Pretende-se, aqui, evitar os extremos. Dessa forma, será discorrido a respeito dos aspectos mais generalizados do movimento feminista. A discussão, a seguir, é importante para o tema tratado, pois a influência do feminismo, no processo de emancipação da mulher, tem se revelado, desde o final do século XIX, bastante ativa. Voltando ao tópico, há, segundo Alves (1981, p 59), basicamente, quatro categorias de frentes de luta do referido grupo, são elas: (1) sexualidade e violência, (2) saúde, (3) ideologia e, (4) formação profissional e mercado de trabalho. Sobre o primeiro item relacionado, as feministas defendem, conforme Alves (1981, p. 61), o direito à informação e ao acesso a métodos contraceptivos, a livre escolha pela

maternidade, a desvinculação entre o exercício da sexualidade e a função biológica da reprodução, entre outros. Sobre o segundo ponto, busca-se inteirar a mulher sobre questões relacionadas ao seu próprio corpo, bem como: menstruação, menopausa, reprodução, entre tantas. Acerca do terceiro tópico, tem-se como objetivo “denunciar, desvendar e transformar a construção social da imagem da mulher” (ALVES, 1981, p. 64). Por fim, também se deseja alcançar igualdade, entre homens e mulheres, em cursos de formação profissional e no mercado de trabalho.

Tantas reivindicações denunciam um cenário de opressão. Se a realidade social fosse aprazível às mulheres, não seria necessário que elas lutassem por mudanças. O movimento feminista, cujas primeiras manifestações remontam ao final do século XIX, alterou perspectivas em várias áreas da sociedade. Aos poucos, o cenário de injustiça é superado. Apesar disso, as discussões sobre o tema ainda estão longe de serem pacificadas. Mesmo entre aqueles que se julgam feministas pode-se verificar falta de consenso. Logo, reafirma-se que o feminismo é um movimento vivo, cujas estratégias de combate estão sob constante processo de recriação.

Em *Iaiá Garcia* as personagens femininas são cercadas em um ambiente no qual o casamento é a única saída para elas. A obra de Machado de Assis apenas retrata o cenário que ele percebia em sua época. O autor também percebeu, com certeza, focos de descontentamento, a respeito da situação, por parte das mulheres do século XIX. Em atenção a isso, o literato criou uma personagem, Estela, que deu vida a essa insatisfação. A jovem gostava de Jorge, herdeiro da família Gomes, que a acolhera como agregada, o mancebo também gostava dela, no entanto, Estela nunca pensaria em casar-se com Jorge. O matrimônio, no caso em questão, era visto por ela como um favor, e o favor deduz a dívida. Estela recusa a desigualdade, a submissão. Essas condições, como foi visto, são combatidas pelo movimento feminista.

Em *A estrela sobe,* também temos representações que convergem às bandeiras feministas. Por exemplo, quando Leniza engravida, sem intenção, e, na sequência, decide fazer um aborto. Nesse momento, a personagem está dispondo sobre o próprio corpo. É claro que o correto seria que ela pudesse ter tido acesso a informações e a métodos anticoncepcionais, de forma que lançar mão do procedimento de aborto nunca viesse a ter sido necessário.

3. A importância do trabalho no processo de emancipação da mulher

Segundo Simone de Beauvoir, “é pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta”. Restrita ao ambiente familiar, a mulher não vive a plenitude de suas potencialidades. Ela não tem grande controle sobre a própria vida, pois uma parcela de suas responsabilidades é transferida ao marido. Assim, a mulher tende a ser incompleta. A autorrealização lhe é afastada. O véu da submissão a cobre como grades e ela é carcerária. Segundo Karl Marx (*apud* SAFIOTI, 2013), a liberdade da mulher é condição fundamental para a libertação de toda a humanidade. Logo, urge a adoção de tecnologias que garantam a igualdade de direitos entre homens e mulheres. A sociedade precisa ser mudada e o indivíduo, do sexo feminino, que se aplicava tão somente aos afazeres do lar, também. Ora, e qual força seria capaz de promover tal processo antropomórfico? Sem dúvidas, o trabalho. Por meio do trabalho modifica-se o mundo e também a si próprio.

Percebemos, atualmente, notável interesse, pelas mulheres, em participar de cursos de formação profissional e conquistar um emprego e autonomia. O esforço e a capacidade delas são, sem dúvidas, tão tenazes quanto os dos homens. Essa predisposição a encarar desafios não é dádiva moderna. Historicamente, a mulher suportou duras tarefas. Mesmo assim, não foi possível evitar a instituição de uma hierarquia dos sexos, na qual, a dominação masculina teve espaço. Simone de Beauvoir explica que quando grupos humanos, com características diferentes, encontram-se, o resultado é, ou o subjugo do mais fraco ou, em caso de equiparação de forças, a reciprocidade. Assim,

> quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão (BEAUVOIR, 1990, p. 81).

Diante da ascensão do patriarcado necessita-se buscar quais as vantagens que o homem teria tido sobre a mulher, de modo que ele viesse a subjugá-la. Possivelmente, o privilégio da força física foi uma delas. Contudo, as servidões da reprodução talvez tenham sido o fator que mais determinou o espaço da mulher. As

atividades domésticas eram as mais conciliáveis com a maternidade. Para Simone de Beauvoir, “a gravidez, o parto, a menstruação diminuíam a capacidade de trabalho da mulher e a condenava a longos períodos de impotência”. Dessa forma, elas ficavam dependentes da proteção dos guerreiros e dos alimentos que os homens garantiam por meio da caça e da pesca.

A definição, em virtude de razões históricas e biológicas, dos papéis sociais do homem e da mulher, resultou na outorga da soberania ao sexo masculino. A assunção de que o fardo da guerra era mais importante do que o da maternidade colocou homens e mulheres em patamares bem diferentes. Ironicamente, o guerreiro, encarregado da morte, foi mais valorizado do que a mãe, responsável pela vida. Porém, os motivos que noutrora colocaram o homem em reinado, hoje são anulados por mudanças tecnológicas, culturais, políticas, entre outras. No momento atual, a guerra é, em regra, substituída pela diplomacia, e o trabalho pesado é realizado por máquinas. Para Simone de Beauvoir;

> no tempo em que se tratava de brandir pesadas maças, de enfrentar animais selvagens, a fraqueza física da mulher constituía uma inferioridade flagrante; basta que o instrumento exija uma força ligeiramente superior à de que dispõe a mulher para que ela se apresente como radicalmente impotente. Mas pode acontecer, ao contrário, que a técnica anule a diferença muscular que separa o homem da mulher: a abundância só cria superioridade na perspectiva de uma necessidade; não é melhor ter demais do que não ter bastante. Assim, o manejo de numerosas máquinas modernas não exige mais do que uma parte dos recursos viris. Se o mínimo necessário não é superior às capacidades da mulher, ela torna- se igual ao homem no trabalho (BEAUVOIR, 1990, p. 73).

A divisão do trabalho por sexo ainda existe e, nos dias atuais, é, na maioria das vezes, entendida em razão de justificativas históricas. Contudo, ao passo em que as mulheres conquistam a confiança social para o exercício de funções que antes lhes eram negadas, como a presidência da república, o paradigma opressivo no qual elas viviam vai sendo superado. O declínio do patriarcado está sendo desenhado na medida em que as atividades produtivas, quaisquer que sejam, são passíveis de realização, com igual esmero, tanto por homens quanto por mulheres.

4. Profissões da mulher

Com a ocorrência das duas grandes guerras mundiais, entre os anos 1914 e 1945, houve escassez de homens na população economicamente ativa, deficiência essa que foi compensada pelas mulheres. A partir disso, elas ganharam força e conquistaram o direito ao emprego e ao voto, por exemplo. Entretanto, persiste, na atualidade, em medida evidentemente menor do que no passado, uma circunscrição da mulher ao ambiente doméstico e também a alguns espaços do mundo externo ao lar. Para Alves (1981, p. 64), existe um mito no qual "determinadas carreiras ou funções seriam próprias à mulher, na medida em que se adequariam à sua natureza". No Brasil, por exemplo, a atividade profissional das mulheres concentra-se no setor de serviços, como no magistério e na enfermagem. Por outro lado, os cargos de chefia, em empresas diversas, são majoritariamente ocupados por homens. Logo, o processo de emancipação feminina não está concluso e precisa da participação das mulheres para fomentá-lo. Alves (1981, p. 65) destaca algumas reivindicações do movimento feminista em favor das mulheres:

> O movimento feminista tem colocado como bandeiras de luta: para funções iguais, salários e direitos iguais; igualdade de oportunidades no acesso ao mercado de trabalho e à ascensão e aprimoramento profissional. Todas essas bandeiras são parte do processo de conscientização da mulher de seu próprio valor e da necessidade de que ela se coloque como agente da sua libertação.

Há poucas décadas, as mulheres precisavam dedicar-se preponderantemente aos afazeres do lar. Hoje, essa lógica não prospera. A mulher passou a ocupar-se com trabalhos que antes eram exclusivos dos homens. Contudo, o contrário não aconteceu. Os homens não passaram a realizar os trabalhos domésticos. Dessa forma, a mulher precisou acumular as tarefas externas com as de casa, associando duas jornadas de serviço. Essa realidade precisa ser mudada. É verdade que muitos casais revezam-se nas tarefas domésticas, mas essa é uma prática que ainda não foi generalizada. Ora, se o homem e a mulher têm encargos profissionais, ambos devem dar conta, em regime de cooperação, das obrigações domésticas.

A partir de quando a mulher passou a envolver-se em questões que antes eram da atenção somente do homem, grandes avanços sociais foram viabilizados. O tratamento que os homens e as mulheres dão ao mesmo objeto é diferenciado e,

ousa-se dizer, complementar. Então, convém aceitar e incentivar a presença da mulher em todas as profissões. O pensamento contemporâneo não é coerente com velhos preconceitos. Logo, não cabe falar em profissões da mulher. Todos os ofícios são, hoje, compatíveis tanto com o sexo masculino quanto com o feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a mulher e o homem, historicamente, têm se projetado na sociedade de maneiras diferentes. Também nos é claro que as expectativas sociais sobre cada um deles não ficaram estaques no tempo. Enquanto em momentos pretéritos o sexo feminino era encerrado em um raciocínio discriminatório; atualmente, com a percepção do que vinha acontecendo e com a tomada de medidas de promoção de igualdade entre gêneros, pode-se dizer que a realidade de outrora foi superada. Contudo, o cenário contemporâneo ainda é opressor com as mulheres. Tal constatação serve de alerta para que permaneça em pauta a discussão sobre a forma como o sexo feminino é representado na sociedade.

A ficção influencia e é influenciada pelo mundo real. A partir do século XIX, as conquistas a caminho da igualdade de direitos entre homens e mulheres foram intensificadas. Esse panorama pode ser apreciado com bastante clareza ao se compararem as obras literárias *Iaiá Garcia,* de Machado de Assis, e *A estrela sobe,* de Marques Rebelo. Em *Iaiá Garcia,* as personagens femininas estão quase sempre sob a sombra de um homem. Em *A estrela sobe*, ao contrário, elas têm grande autonomia. O decurso temporal da publicação do primeiro para o segundo livro é de sessenta e um anos, mas, observa-se que, nesse pequeno intervalo, aconteceram grandes mudanças sociais, refletidas nas obras citadas.

Em *Iaiá Garcia*, o Sr. Antunes deseja casar sua filha, Estela, com Jorge. O rapaz é rico e, com ele, a jovem teria uma vida tranquila. A confirmação dessa assertiva está no seguinte trecho: “(...) Uma vez penetrado da ideia de casar a filha com o bacharel, viveu dela, como se a vira praticada.” (ASSIS, 2011, p.83). Por outro lado, em *A estrela sobe*, Manuela, mãe de Leniza, quando se encontrou em dificuldades financeiras, procurou um emprego para a filha, conforme diz: “(...) Só havia uma solução para cobrir as possíveis diferenças: aumentar a receita, arranjando um emprego para Leniza”. (REBELO, 2009, p.15).

A ideologia do patriarcado perdeu força conforme a mulher foi migrando dos espaços privados (família, sexualidade e afetividade) para os espaços públicos (trabalho e produtividade). Se há pouco tempo a atividade doméstica era a regra para o sexo feminino, hoje já não se pode mais sustentar essa afirmação. Homens e mulheres são afetados de maneiras diferentes nas esferas mencionadas. A

construção social do gênero determina isso. Cabe questionar-se: há justiça na forma como o sexo feminino é tratado? O estereótipo que há muito tempo vem sendo atribuído à mulher, que soma características de passividade, de submissão, realmente condiz com o ser considerado?

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Iaiá Garcia.** Porto Alegre: L&PM, 2011.

REBELO, Marques. **A estrela sobe.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

_____

ALVES, Branca Moreira Alves; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. 2: A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias.** 2 ed. São Paulo: Scipione, 1990.

SAFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes – mito e realidade.** 3. ed. 2013

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas.** São Paulo: Duas Cidades, 2000.